



EM BUSCA DAS “VERDADES”: UM DIÁLOGO SOBRE O MÉRITO DO MÉTODO DA HISTÓRIA ORAL NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Wilca Maria de Oliveira (1); Maria da Paz Cavalcante (2) Cícero Nilton Moreira (3)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte wilcaanacleto@hotmail.com Universidade do Estado do Rio Grande do Norte mariadapazc@yahoo.com.br Universidade do Estado do Rio do Norte ciceronilton@yahoo.com.br

Resumo

A busca por “verdades” em ciências sociais é algo subjetivo e depende de variáveis que por vez não podem ser mensuradas. O presente estudo, objetiva discutir o mérito do método da História Oral nas ciências sociais para o alcance de “verdades” – por se entender que, dentre os muitos anseios que caracterizam o trabalho dos pesquisadores, está à busca pela verdade. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de método qualitativo. Considerando as construções teóricas que fundamentam esse artigo, constatou-se que o encontro das “verdades” está associado aos interesses do entrevistado e ao entendimento do entrevistador/pesquisador que deve compreender e assumir, de modo fidedigno, uma posição frente à necessidade da análise interpretativa das falas orais – não podendo presumir a existência da neutralidade no campo das ciências sociais.

Palavras-chave: Método da História Oral. Verdades. Neutralidade. Ciências Sociais.

1. INTRODUÇÃO

Esse artigo surgiu da necessidade de contribuir com as discussões acerca do método nas Ciências Sociais. A ideia inicial partiu durante as discussões por ocasião das aulas ministradas pelo professor Cícero Nilton Moreira da Silva, na disciplina Tópicos Avançados em Ensino, e estendeu-se nas discussões com a professora Maria da Paz Cavalcante durante os encontros rotineiros exigidos pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino PPGE/CAMEAM, em Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte.

Os investigadores confabulam, cotejam, correlacionam, adicionam ou desprezam certas informações ou elementos, por vezes, com a pretensão de chegar à verdade ou de ter como verdadeiro o seu trabalho. A verdade, em ciências sociais, é subjetiva, depende de variáveis que por vezes, não podem ser mensuráveis como, por exemplo, a extensão da espiritualidade, a capacidade de adaptação de um indivíduo ou de uma comunidade.

Por subjetividade, compreendemos o julgamento particular de cada pesquisador sobre os dados colhidos para o seu trabalho. Em ciências sociais, trabalhamos com uma gama de



informações que podem ser traduzida de forma muito pessoal por cada investigador, o que confere a cada pesquisa, ainda que seja da mesma temática, interpretações e resultados singulares.

Não queremos dizer com isso, que o investigador falte com a verdade, pelo contrário, acreditamos que no ofício de cada indivíduo, que se empenha pelos meandros da pesquisa social, há um anseio de se deparar com a verdade. Contudo, encontrar verdades absolutas não é o papel das ciências sociais.

Pensando a História Oral, apreendemos que as informações repousam na memória dos entrevistados. E há um exemplo (dentre outros) que aponta para a sua importância que são os livros de histórias infantis, as cantigas de roda, dentre outras, os quais pertencem ao patrimônio da oralidade.

Estendendo, também, aos contos europeus sobre cinderelas e castelos, os contos indígenas e afro-brasileiros sobre a formação do mundo, a criação dos dias e noites, e muitas outras histórias encontradas na tradição popular de cada povo (norte-americanos, aborígenes, ciganos, asiáticos, dentre tantos outros), que mesclam imaginação, cultura e folclore.

Ao contar uma história, o indivíduo emprega sua própria forma de contar. Impregna-a de pausas e onomatopeias, que podem ser compreendidas ou internalizadas de acordo com as circunstâncias, a idade, o grau de maturidade ou a conveniência¹ do ouvinte. E, de tanto ser repassada, recontada, de acordo com a lembrança e a imaginação do contador, as histórias sofrem mudanças e adaptações. Percorrem estados, continentes e eras temporais de modo que, consideramos natural a ocorrência de corruptelas encontradas nas expressões linguísticas em favor da transliteração.

Quando o contador não encontra a palavra ou a expressão que deseja empregar o sentimento que carrega consigo, ou ainda quando não consegue traduzir em palavras o que foi vivido/percebido/visto/ouvido – e os esforços linguísticos não alcançam a magnitude do sentido da palavra² –, procurada exprimir, de forma vívida, o fato ou a situação narrada. Reveste-se de gestos e

¹As circunstâncias e as conveniências podem ser exemplificadas quando nos encontramos em lugares ou situações de perigo, quando tememos pela nossa vida e pela vida de quem amamos; quando marchamos, permanecemos ou retornamos de uma guerra, quando enfrentamos estiagens prolongadas ou quando nos perdemos de alguém em algum lugar físico ou afetivo. Quando nos perdemos de nós mesmos e não sabemos quem somos. É sublimar ouvir de alguém uma história de desfecho positivo que, na maioria das vezes culmina em uma vida de bonança e paz interior. A conveniência ocorre quando ambos (contador e ouvinte) concordam em aceitar as narrativas como verdades. Não estamos falando de engodos, tão pouco de pessoas que maquiagem as histórias para atingir objetivos espúrios. A conveniência a qual nos remetemos, dentro da História oral, é aquela que se prende ao compromisso de oferecer a visão, o entendimento, à percepção do contador, de quem viveu, viu ou ouviu e, que, de tão importante, ficou retido na memória.

² As palavras de outros países como souvenir (francês), sehnsucht (alemão), nostalgia (grego) e remembrance (inglês) não traduzem a saudade portuguesa, pois embora o autor reconheça uma certa universalidade no sentir saudade, ele



pausas que gritam em direção ao interlocutor ou à plateia, ou ainda emprestando sons, ruídos, assovios, murmúrios, na esperança de que tais esforços contribuam para o ouvidor realizar a compreensão.

Com essas inquietações iniciais, adentramos na discussão da temática, fundamentamo-nos em Bosi (1994), Ferreira (1998), Gonçalves (2005) e Demo (1995), dentre outros, objetivando discutir o mérito do método da História Oral nas ciências sociais para o alcance de “verdades” – por se entendermos que, dentre os muitos anseios que caracterizam o trabalho dos pesquisadores, está à busca pela verdade.

2. METODOLOGIA

Neste trabalho, desenvolvido com a pesquisa bibliográfica e com o método qualitativo, partimos de estudos/discussões em livros e artigos de autores que versam sobre o método da História Oral, através do qual o pesquisador se utiliza para identificar as “verdades”, ou mesmo a ausência destas, na busca das informações e nos resultados a que pretende chegar com a sua pesquisa; que segue a lógica subjacente ao encadeamento de diligências que o pesquisador se utiliza para descobrir ou comprovar uma verdade coerente com a sua concepção de realidade ou sua teoria de conhecimento (CHIZZOTTI, 2006).

Assim, enveredamos pela interpretação de ações enfrentadas pelo pesquisador no universo da pesquisa e suas dificuldades de acesso à memória.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca da verdade em história oral pode ser definida como um ritual no qual o contador se disponibiliza a traduzir seu conhecimento acerca do assunto abordado, ou da própria narrativa de vida, procurando se faz entender. Para isso, escolhe as melhores palavras e os gestos mais adequados durante a explanação. É um tradutor de suas próprias memórias que se esforça para que a história contada se aproxime, o máximo possível, da verdadeira – ainda que não possa fornecer todas as informações por serem íntimas demais ou por terem sido apagadas de sua memória, contra sua vontade.

afirma que a palavra saudade está revestida de profundidade em todas as acepções. (SILVEIRA, 2010, p. 04). O mesmo acontece com a palavra “banzo” que no dialeto angolano significa nostalgia, um misto de tristeza e melancolia que acometia os cativos do Brasil colonial. Banzo é o exílio dentro de si mesmo (DANZINGER, 2008, p. 03). Assim, como encontrar em outra língua uma palavra que comporte tal sentimento?



Acreditamos que é muito importante, dentro da História Oral, oferecer informações que passem pelo crivo da credibilidade, posto que, ao serem publicadas, tais histórias podem modificar uma visão de sociedade ou de uma comunidade sobre crenças e valores há muito cristalizadas.

Outro ponto que consideramos nessa busca de verdades, diz respeito às fontes ouvidas. É relevante que escute (os lúcidos³) não apenas a história de quem empunhou a espada, mas também, dos que foram por ela atingidos⁴. Isso oferecerá, quando possível, uma variável de merecimento e de discernimento.

Pode ocorrer, ainda, de o entrevistado, durante a narrativa, engolir as últimas sílabas das palavras. Por não saber, não lembrar o termo ou a frase inteira, ou por acanhamento, medo de errar, de ser mal compreendido ou pelo peso que a palavra carrega. Há momentos em que desviam o olhar ou firmam por muito tempo em um determinado ponto do lugar ou objeto, enquanto falam ou tentam se lembrar, ou ainda, enquanto tentam escolher as melhores palavras.

Nesse contexto, reside outra grande contribuição da História oral, a visibilidade. Cada entrevista realizada, antes de partirmos para a etapa seguinte, ajuda-nos a corrigir erros, a evitar respostas induzidas e a reavaliar os rumos da investigação.

Alguns entrevistados, quando não conseguem se expressar sintaticamente, emitem ruídos, muxoxos, sons suaves, depois podem passar para um tom de voz mais grave... Olhar, dentro dos nossos olhos, talvez seja a parte mais difícil.

A maioria das pessoas que entrevistamos (pesquisa em andamento) inclinava o corpo para frente. Algumas mantinham o olhar baixo, raramente se movimentavam para a direita ou para a esquerda (apenas quando pediam o auxílio de alguém). Colocavam a mão no queixo, baixavam a cabeça e ficavam a pensar. Quando se lembravam de algum acontecimento alegre, feliz, erguiam o corpo e sorriam. Ao lembrar-se de coisas tristes, continuavam de cabeça baixa e, não raramente, utilizavam algum recurso para mudar de assunto ou para encerrar a conversa. Outros, enveredavam por outras histórias ou se mostravam cansados. Um prenúncio de que deveríamos parar, retomar em outra hora ou em outro dia.

Ao entrevistador cabe entender que a utilização da História Oral, em determinados assuntos, constitui-se valiosa no sentido de “preencher as lacunas existentes nas documentações escritas,

³ Utilizamos esse adjetivo apenas para informar ao leitor que devemos considerar a possibilidade de delírios ou de visões fantasiosas, em determinadas narrativas de história oral, motivadas por doenças psicodegenerativas. O que pode limitar ou eliminar determinados enfoques da pesquisa. Contudo, consideramos salutar que tal condição não sirva de cerceamento, dependendo da investigação pretendida.

⁴ Expressão não utilizada de nenhum livro ou trabalho acadêmico. Fizemos uso para ilustrar ao leitor que devemos ouvir os dois ou mais lados da história, quando tal situação for possível. Ou ainda consultar outras fontes: livros, cartas, fotografias, escrituras, etc.



numa comprovação clara de quão útil pode ser a associação entre fontes escritas e orais” (FERREIRA, 1998, p. 8).

O método da história oral tem uma estruturação, apresenta “uma sequência didática para que o entrevistador possa chegar ao fim almejado”. (GONÇALVES, 2005, p. 23). Permite uma forma de acesso a informações privilegiadas, pois extrai do entrevistado suas verdades incutidas, adquiridas, percebidas, durante sua trajetória de vida.

A riqueza da História Oral, também pode ser percebida na possibilidade de compreensão do mundo em volta dos entrevistados, do jeito próprio que cada um possui ao se referir aos acontecimentos vividos; na busca de lembranças sobre um determinado assunto que, por vezes, vem (sobre)carregadas de tantas outras que, a princípio, podem não significar nada mas, que podem se revelar, depois, em peças fundamentais para a formação do cenário a ser (re)montado.

A verdade, é que a “verdade” nunca vem só e que não há uma verdade absoluta no campo das ciências sociais. Talvez, daí, venha a incógnita daqueles que desconhecem o trabalho do cientista social. Para que servem as ciências sociais? – elas servem para muitas coisas e uma de suas serventia é oferecer sentido e resposta às coisas aparentemente sem explicação ou, ao menos, dar continuidade às indagações que se revelam significativas.

Não pretendendo realizar uma discussão filosófica sobre a “verdade”, todavia, consideramos

[...] o conceito clássico de verdade como primitivo, ou seja, como o ponto de partida das nossas construções teóricas. Ele se acha pressuposto em todas as nossas atividades práticas e teóricas. Filosoficamente, verdade é conceito último, indefinível por meio de outros mais simples, se utilizarmos o termo definição na acepção de proposição que caracteriza e esclarece, sem petição de princípio, um conceito. A própria sentença expressando a definição, em sentido estrito, de verdade teria de ser verdadeira (ROVER, DUARTE e CELLA, 2005, p. 3243).

Neste sentido, a verdade encontra-se na busca, na travessia, com a contribuições das ciências e na compreensão do outro em seu contexto social e/ou em seu mundo particular. Sendo assim, como oferecer, com exatidão, a expressão da complexidade das relações pessoais e sociais? Como, medir, pesar, calcular ou avaliar algo tão subjetivo e furtivo como o são, os sentimentos ocultos ou incultos, macerados em anos, décadas, séculos de informações que viajam no único veículo existente para tal situação, que é a oralidade? A verdade talvez só possa ser vista pelas lentes da subjetividade, podendo até ser comparada a uma espécie de sentimento – ainda que o entrevistador saiba e utilize todos os recursos disponíveis em busca de uma verdade absoluta.



Com esse entendimento, a História Oral não é um celeiro de opções para interpretações sentimentais aleatórias, cujo único modo de trabalho seja o de se conder das passagens, dos relatos, dos murmúrios das pausas tristes, emotivas ou, ainda, dos silêncios ensurdecadores de quem os escuta.

Ao contrário, por se tratar de um acervo único e pouco transferível, posto que um dos aspectos que envolve a História Oral é a perda de determinadas informações que, de algum modo, sucumbiram ao tempo – seja pela morte de quem as detinha e não as repassou, seja pelas falhas próprias da lembrança daqueles que a reteram – apesar de ser um método democrático, ela se encontra mais presente nas pesquisas com os velhos, ou com os mais velhos de um determinado grupo ou comunidade, pois são pessoas que, em razão da quantidade de anos vividos, podem ter presenciado, ouvido ou vivido as situações que interessam ao entrevistador.

Segundo Bosi (1994, p. 18) o velho tem essa “função social de lembrar-se das coisas, de aconselhar, unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir”. A memória dos velhos, das pessoas idosas, é possivelmente o único recurso que poderia substituir a história oficial, celebrada nos livros/documentos de história ou nos cartórios das cidades. Vemos, então, o quanto é forte a lembrança de um ancião lúcido.

Nos caminhos percorridos, observamos que a memória dos velhos é uma forma de resistência e, ao mesmo tempo de sobrevivência, apesar de alguns deles carregarem consigo lembranças que não gostariam de ter ou de compartilhar.

Durante alguns momentos vivenciados em entrevistas, percebemos que alguns entrevistados se comportam como se tivessem sido escolhidos para carregar um fardo, cujo recebedor pode ser alguém da família, da comunidade ou uma figura estranha de um pesquisador, ávido em busca de respostas que acaltem as suas dúvidas ou inquietações – verdades parciais ou brutas, merecedoras de um paciente trabalho de lapidação.

Fazer pesquisa utilizando a História Oral pode parecer fácil, aos olhos de um incauto leitor/pesquisador que talvez não se dê conta dos aspectos necessários para a obtenção e registro das lembranças dos mais velhos.

Contudo, para realizar um trabalho que se aproxime mais das verdades que buscamos, o pesquisador precisa: munir-se de conhecimentos prévios, saber o que deseja saber; ter paciência, bater devagar na porta dos possíveis entrevistados, e, por “bater devagar⁵” queremos dizer que é

⁵Trata-se de uma expressão utilizada pelo jornalista e colunista social Ibrahim Sued (1924-1995), durante uma entrevista concedida a um canal de TV aberta na década de 1980, na qual aconselhava os jovens repórteres e jornalistas mais afoitos, sobre a forma muito invasiva com a qual, alguns deles, abordavam as celebridades, músicos, políticos e



preciso tato, respeito ao entrevistado, é preciso considerar a rotina e os horários daquela pessoa, bem como suas crenças, valores sociais e espirituais.

Um pesquisador jamais deve contradizer, menosprezar seu entrevistado ou, ainda, manifestar repúdio por seu modo de vida, suas convicções sobre o assunto ou sobre quaisquer outro aspecto.

Quando tratamos do trabalho investigativo, em história oral, observamos o cuidado que muitos estudiosos apontam no que diz respeito à neutralidade. Nessa direção, Demo (1995, p. 82) nos diz: “na relação entre sujeito e objeto, neutralidade é a perspectiva do sujeito”. É interessante observar que a intensão da neutralidade contribui tanto para os objetivos da pesquisa, quanto para o pesquisador que se permite – devido à pretensa neutralidade – refletir de forma imparcial sobre os dados obtidos.

Continuando com o autor em pauta, ele (1995, p. 82) faz uma crítica sobre essa vigilância do pesquisador que se ancora nos paradigmas das ciências naturais, “que visualiza a realidade regida por leis objetivas”, não considerando as variáveis subjetivas tão presentes nas ciências sociais. E acrescenta:

A neutralidade é uma postura farsante, por ingenuidade ou por esperteza. O engajado comete – logicamente – suas barbaridades, mas é pior ainda comete-las ingenuamente ou espertamente. O serviço instrumental subserviente da ciência é seu pior engajamento. Sobre tudo para uma atividade que se apregoa superior ao senso comum, capaz de avaliar tudo, sempre crítica e impiedosa contra os percalços da lógica e da forma (DEMO, 1995, p. 83).

Consideramos assim, que o entrevistador-pesquisador deve assumir, de modo fidedigno, uma posição frente à necessidade da análise interpretativa das falas orais – sem presumir a existência da neutralidade. Outro ponto que destacamos, como de suma importância, diz respeito à insistência ou a repetição de uma pergunta que ficou sem resposta por não ter sido satisfatoriamente compreendida pelo pesquisador.

Se o entrevistador percebe que, de algum modo, o entrevistado se esquivava de lhe oferecer as repostas para determinadas perguntas, sugerimos que as reformule. Se, mesmo assim, não se sentir satisfeito com o que foi dito, ou se considera a resposta incompreensível para os seus propósitos, lembre-se da sugestão de “bater devagar na porta”.

demais personalidades da alta sociedade. Assim dizia: “quando for entrevistar alguém vá de leve, vá com calma, bata devagar na porta das pessoas”. O jornalista tinha bordões famosos como: “vai devagar que cavalo não desce escada” ou ainda, “ademã que eu vou em frente”.



Faça uma pausa sem parecer proposital, peça uma água ou um café. Se preciso, remarque a visita/entrevista para outro dia, reveja os horários e, principalmente, observe as pessoas que estavam ou não, presentes na ocasião em que o entrevistado “travou” ou não conseguiu responder aos seus anseios.

O importante é manter o respeito pelo entrevistado, de modo que não se perca a admiração ou a simpatia de ambos, mantendo, também, o foco e a paciência que são ferramentas essenciais para a obtenção dos dados. Estes, todavia, não podem se configurar valor maior que o entrevistado.

4. CONCLUSÃO

O trabalho com a memória requer a consciência de que as lembranças, quando revolvidas assemelham-se com a terra arável. Ao se lembrar de um determinado acontecimento, a memória do entrevistado, veículo pelo qual trafega as informações do indivíduo, não vem compartimentada, oferecendo apenas o tema ou o assunto ali questionado.

As lembranças são rememoradas, entrelaçadas umas com as outras; possivelmente carregadas de sentimentos os quais, o entrevistado por vezes, não pretende deixar transparecer, por lhe ser doloroso demais ou por não saber separar a informação sem precisar recorrer a fatos ou pessoas que gostaria de esquecer.

São inúmeros os motivos que podem levar alguém a não oferecer uma resposta completa ou satisfatória ao entrevistador. Dentre elas, podemos citar: uma tragédia familiar, uma relação amorosa mal resolvida, a perda de alguém muito querido, uma violência sofrida, humilhações, privações (jurídicas, éticas, alimentar, afetiva), dentre outros sofrimentos vividos, que podem ter forjado no entrevistado sentimentos pouco administráveis, como o ódio, ojeriza, desprezo ou animosidade, impedindo-o, assim, de tocar em determinados assuntos.

Porém, para conseguirmos “verdades”, é preciso explorar esse universo humano. “Resolver” lembranças que estão sedimentadas em algum lugar de nossa existência. Com as lembranças, as pesquisas que se relacionam com a História Oral avançam, ao lado do avanço das ciências sociais. Do mesmo modo como a terra, ao ser revolvida, traz à superfície as sementes ou os sais que farão brotar novas plantas, reafirmando a função genética de cada semente ou a lembrança contida em cada uma de suas células, o mesmo ocorre com as lembranças dos velhos (e de jovens também).



A verdade é que, uma semente de Baobá não oferecerá a terra e aos seus habitantes um cajueiro ou outra árvore qualquer, mas, uma árvore idêntica, desde que, o clima e o espaço lhe sejam favoráveis.

A propósito da forma como viajam as lembranças – carregadas, montadas ou amontoadas⁶ umas nas outras – é bem provável que, dependendo da forma de abordagem, uma lembrança se mescle ou se sobreponha a outra. Pois, do mesmo modo que o homem semeia cajueiros é possível que na terra já se encontre sementes de Baobá. Ou, que estas tenham sido transportadas pelo vento, por algum cargueiro, um viajante, ou por outro veículo qualquer e, atravessando todas as barreiras físicas e biológicas de sua origem, sobrepujou o plantio do homem, nascendo Baobá em vez de cajueiro.

REFERÊNCIAS

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

DANZINGER, Leila. Banzo e preguiça: notas sobre a melancolia tropical. Publicado nos **Anais do XXVIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**, 1808 – 2008: Mudanças de paradigmas para a História da Arte no Brasil. 2008.

DEMO, Pedro. **Metodologia em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Vozes, 1995.

FERREIRA, Marieta de Moraes; ABREU, Alzira Alves de. [et al]. **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral** /Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1998.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo. Atlas. 2008.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005.

ROVER, Aires José. DUARTE, Francisco Carlos; CELLA, José Renato Gaziero. Conhecimento científico, verdade e método. **Congresso Brasileiro de História do Direito**. Florianópolis – SC, 2005.

SILVEIRA, Leonardo Lucena Pereira Azevedo da. Para além da origem da palavra saudade (ou antropologia de um sentimento coletivo). **Revista Litteris**. 2010.

⁶Por montadas entendemos a lembrança que sempre vem associada à outra, quando o entrevistado não consegue falar sobre um assunto/pessoa/acontecimento, sem reporta-se a outra lembrança que pode ter ocorrido, concomitantemente, ou não. Por lembranças amontoadas entendemos aquelas que vêm em duplas ou grupos, porém, possível de ser selecionadas ou isoladas uma das outras.